



Mulheres... experiências de uma caminhada

ANA CLÁUDIA FIGUEROA

WANDA DEIFELT

MARIA LUIZA RÜCKERT

JANE FALCONI FERREIRA VAZ

NANCY CARDOSO PEREIRA

MOSAICOS DA BÍBLIA **16**

Sumário

| | |
|---|-----------|
| Apresentação | 03 |
| Poder fazer, poder dizer - algumas mulheres nas primeiras comunidades cristãs <i>Ana Cláudia Figueroa</i> | 05 |
| Entre o direito e o dever: A crise dos direitos reprodutivos ou a maternidade como opção e não obrigação <i>Wanda Deifelt</i> | 11 |
| "Para permanecer no caminho, precisamos de uma canção" (Manushi) <i>Maria Luiza Rückert</i> | 17 |
| Nosso corpo: testemunha do amor e erotismo <i>Jane Falconi Ferreira Vaz</i> | 23 |
| Pra não dizer que não falei de homens... <i>Nancy Cardoso Pereira</i> | 27 |

Apresentação

Este número de Mosaicos da Bíblia encerra a série de 1994. Claro, ela continua em 1995!

Quisemos terminar com um assunto que consideramos de extrema importância: Questões da mulher em sua própria ótica!

Assim, reunimos algumas autoras trazendo suas questões, indagações e questionamentos sobre o ser mulher, o corpo, a sexualidade, as funções na hierarquia da igreja, a maternidade. É um leque que se abre ainda mais.

Tudo isso representa um universo muito rico e complexo que, com certeza, não se esgota nestes ensaios. Mas, sem dúvida, aumenta e enriquece a nossa caminhada através destas contribuições importantes para as mulheres, os homens, as nossas filhas e filhos.

"Para cada mulher que está cansada de comportar-se como frágil, quando se sabe que é forte, há um homem que está cansado de parecer forte, quando se sente vulnerável! Para cada mulher que está cansada de ser qualificada como fêmea emocional, há um homem ao qual se nega o direito de chorar e de ser terno. Para cada mulher que se sente escravizada pelos filhos, há um homem ao qual se nega o prazer de desfrutar a paternidade." (autoria desconhecida)

Jane Falconi Ferreira Vaz

Mosaicos da Bíblia reúne textos do campo bíblico que circulam entre colaboradores e participantes da produção de conhecimento da Linha Programática Bíblia e Unidade.

Todos os textos poderão ser reproduzidos ou utilizados em outras publicações, desde que sejam creditados: o(a) autor(a), a Linha Programática Bíblia e Unidade/Koinonia.

Aquisição de números anteriores e assinatura, escreva a KOINONIA - Presença Ecumênica e Serviço.

Edição: MILTON SCHWANTES
JANE FALCONI F. VAZ
JOSÉ ADRIANO FILHO

Revisão: MILTON SCHWANTES
JANE FALCONI F. VAZ
JOSÉ ADRIANO FILHO
MARIA CRISTINA OLIVEIRA

Dição: JANE FALCONI F. VAZ
JOSÉ ADRIANO FILHO

Editoração Eletrônica: CLAUDIA SALVETTI SANZOCHI

São Paulo, outubro, novembro, dezembro de 1994.

KOINONIA - Presença Ecumênica e Serviço
Rua Pinheiros, 706 Casa 06 - 05422-001 - São Paulo-SP - Brasil
Fone: (011) 280.7461
Rua Santo Amaro, 129 - 22211-230 - Rio de Janeiro-RJ - Brasil
Fone: (021) 224.6713 - Fax: (021) 221.3016

Poder fazer, poder dizer

Algumas mulheres nas primeiras comunidades cristãs

Ana Cláudia Figueroa

Por serem ignorantes e analfabetos, estes, tanto homens quanto mulheres, corriam pelas cidades, e entravam nas casas. Pregando em lugares públicos e também nas igrejas... Também dizem que a consagração do corpo e sangue de Cristo na Santa Ceia pode ser feita por qualquer pessoa justa... Eles até crêem a mesma coisa concernente às mulheres, se são de sua seita, e assim dizem que toda pessoa santa é sacerdote¹.

Há muito tempo que discussões como esta fomentam elaborações teológicas em nossas diferentes igrejas. Provavelmente já no início do cristianismo mulheres exerciam funções nas comunidades, o que indignou alguns homens.

Poder fazer algumas atividades, não poder fazer outras. Poder dizer algumas palavras, não poder dizer outras. O que está por trás dessas normatizações em torno das lideranças femininas no cristianismo?

Vamos fazer exercícios de leitura que ajudam a responder.

Nós como mulheres reivindicamos outro olhar para a experiência da fé. Ao pensar a história, queremos visualizar novos personagens. Ao ler a Bíblia queremos redescobrir seu significado na experiência da vida. Nesse sentido o Novo Testamento se mostra como um amplo campo de trabalho. As muitas mulheres, nomeadas ou não nos textos, nos convidam a recontar a sua história.

Falta-nos, no entanto, definir melhor os parâmetros da pesquisa, um instrumento metodológico que nos aproxime com o máximo de fidelidade das primeiras comunidades cristãs. Assim, partimos dos seguintes pressupostos:

- * visualizar a experiência de vida das primeiras comunidades cristãs descrevendo melhor os sujeitos: com presença de homens e mulheres, crianças e idosos, pobres e ricos, estrangeiros e romanos
- * resgatar as experiências desde a realidade do conflito, uma vez que o Novo Testamento traz em si a característica de ser uma tentativa de solução teológica para conflitos emergentes (explícitos em algumas cartas, implicitamente nos evangelhos)
- * os textos são testemunhos de uma parcialidade dentro das comunidades. Fazer a sua leitura também significa reconstituir outras parcialidades existentes. Não devemos encarar os textos como normativos, uma vez que são circunstanciais.

A seguir proponho uma leitura sobre a história das mulheres que exerceram liderança no primeiro século em comunidades cristãs.

1 Texto escrito por Bernardo Gui, inquisidor no sul da França, contra os valdenses, datado de 1300 d.C. In: BARRY, Colman J., *Reading in Church History*. Volume I. Westminster, Newman Press, 1956, p.544,546. Citado por REILY, Duncan Alexander, *Ministérios femininos em perspectiva histórica*. São Paulo/Campinas, CEBEP/Faculdade de Teologia da Igreja Metodista, p.119.

Falar, profetizar - mulheres em Corinto

Nas cartas de Paulo aos Coríntios, encontramos duas referências claras relativas à presença de mulheres na comunidade: 1 Coríntios 11,2-16 e 14,34-35. Os dois textos discutem a ordem no culto e referem-se ao dom de profetizar na comunidade.

Paulo opina sobre algum conflito que transparece na sua redação: existem mulheres profetizando e o fazem de forma que não agrada aos simpatizantes do seu ensino. Não parece ser coisa muito fácil de resolver, pois Paulo usa da tradição judaica para solucionar o problema: 11,9 e 14,34-35.

Mas, de fato qual é o problema? Mulheres profetizando, por isso a necessidade de proibir a sua fala? Não. Apesar de indicativos bem claros "solicitando" o silêncio das mulheres em 14,34, existe um reconhecimento evidente em 11,5-16 de que mulheres "podem" profetizar desde que observem certas normas.

Então, deveríamos pensar que o problema está na forma? Que essas mulheres usavam determinados costumes provindos de outros cultos no exercício da profecia, decorrendo disso a necessidade de manter a "identidade própria" do movimento de Jesus? Há quem diga que essa é a chave de leitura para esses textos². No entanto, discutir um costume não seria um pretensioso motivo para questionar o conteúdo da fala profética?

Na comunidade de Corinto havia muitas divergências com o ensino paulino. Todas as possíveis quatro cartas³ escritas por Paulo denotam conflito nessa linha: 1 Coríntios 1,10-16; 9; 12; 13; 14; 2 Coríntios 2,5-13; 2,17; 8; 10,1-18; 11,3-15; 12,21. De acordo com estes textos os conflitos variam de forma e sentido: desde a coleta de ofertas missionárias até o ensino teológico.

Assim, não devemos entender isoladamente os textos onde há confronto com a presença de profetisas na comunidade. Trata-se provavelmente de um contexto onde os ensinamentos paulinos eram aceitos somente por um pequeno grupo. Conseqüentemente, a presença de profetisas enquanto alvo das críticas indica a existência de discursos teológicos e práticas distintas da proposta de compreensão paulina do evangelho. Se para Paulo a linguagem da cruz, Cristo morto e ressuscitado, é um tema que se repete a cada tentativa de solução de conflitos, talvez para nossas profetisas outras ênfases teológicas representassem melhor o discurso e a prática cristãs⁴.

Proponho uma visualização de alguns conflitos que percebemos através da primeira carta aos Coríntios com os respectivos argumentos teológicos apresentados por Paulo na tentativa de solucioná-los:

-
- 2 SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth, *As origens cristãs a partir da mulher*. São Paulo, Edições Paulinas, 1992, p.266.
 - 3 Há indicações de que originalmente Paulo escreveu quatro cartas: em 1 Coríntios 16,8 há uma referência de uma possível primeira carta, a qual não temos acesso. Assim, o que chamamos 1 Coríntios seria na realidade a segunda carta; a atual 2 Coríntios apresenta rupturas literárias. Então teríamos: a terceira carta (chamada carta das lágrimas) constituída por 2 Coríntios 2,14-7,4 e 10,1-13,10; a quarta carta constituída por 2 Coríntios 1,1-2,13; 7,5-16; 8; 13,11-13. O restante de 2 Coríntios é considerado não paulino.
 - 4 A insistência no tema da morte e ressurreição para explicar o evangelho de Cristo aparece sempre como fórmula parâmetro na resolução de problemas, uma vez que o Cristo apresentado dessa forma é a mediação para a compreensão de valores e autoridade (1 Coríntios 1,23; 2,26; 3,10-23; 4,1-5; 5,7; 6,11). Utilizar esse argumento como único correto para entender as práticas na comunidade em Corinto pode ser um equívoco.

| Tema Central | Textos | Conflito Implícito | Argumento Teológico |
|-----------------------------|----------------------------|--|---|
| Briga entre lideranças | 1,11-31; 2,1-16; 3,1-23 | Conteúdo da pregação de Paulo e seus seguidores na comunidade é diferente do conteúdo de outros segmentos | Mensagem da cruz é loucura para a sabedoria humana. Deus escolheu as coisas humildes |
| | 4,1-21 | Questionamento dos ensinamentos paulinos Conflito entre “ricos” (que reinam “sem nós”) e “atribulados” (apóstolos), recorrendo ao tribunal civil para resolver diferenças | Sabedoria paulina é obra do Espírito de Deus Nada julgueis até que venha o Senhor; as coisas de Deus são ocultas Imitar a Paulo que o gerou; porque o reino de Deus não consiste em palavras, mas em poder |
| Sexualidade/ Imoralidade | 5,1-13 | Incesto (?) | Tal pessoa deve ser entregue a satanás em nome de Jesus Cristo e lançado fora da comunidade |
| | 6,1-11 | | Conflitos pessoais resolvidos em tribunal civil Os santos julgarão o mundo. Não se deve recorrer a tribunal civil |
| | 6,12-7,40 | Conduta sexual | - Somos Corpo de Cristo, santuário do Espírito Santo, para pureza. Não devemos fazer o corpo de Cristo uma prostituta - É bom não tocar mulher (virginidade). Se quer tocar deve casar - Não deve separar-ser, cada um deve permanecer naquilo que foi chamado - Não casar, assim pode-se dedicar mais tempo às “coisas de Deus” |
| Judaizantes | 8,1-13; 9,27; 10,1-33 | Comer ou não coisa sacrificada a ídolos | Tudo é em Cristo, não perdemos ou ganhamos se comermos pois não é comida que nos recomendará a Deus. Como Israel, devemos fugir da idolatria. Se servir de escândalo, não comer, tudo é lícito, mas nem tudo convém |

| | | | |
|------------------------|----------|---|---|
| Vida litúrgica/cúltica | 11,1-16 | Mulheres profetizando de maneira estranha (ou conteúdo diferente) | - Usar véu é sinal de autoridade - Homem é igual a Deus, mulher igual ao homem. Homem vem da mulher. Tudo vem de Deus |
| | 11,17-34 | Ceia mal distribuída | - Na hora de comer deve-se esperar uns aos outros pois a ceia é celebração da espera do retorno de Cristo |
| | 12-14 | Predominância de determinados dons sobre outros | - Espírito distribuído como convém. Todos são membros de um corpo - Amor é dom supremo - Profecia é superior a línguas - Ordem quando houver línguas (cuidado quando não houver tradução) - Mulheres devem se calar |

Não vamos nos ater a uma pesquisa mais detalhada dos problemas da comunidade, mas somente levantar possibilidades de compreensão das lideranças na mesma. Não se pode negar a presença de mulheres falando e não se deve entender as restrições paulinas como forma normativa de resolver questões pertinentes à toda comunidade. Num contexto de muitas lideranças com ensinamentos e práticas distintas, profetisas ensinavam e se confrontavam com grupos paulinos. Como não é de se estranhar, Paulo está de acordo com seus seguidores.

O núcleo da carta contra a presença de mulheres profetizando se encontra nitidamente no bloco de interesses litúrgico-celebrativos da comunidade. Não é difícil imaginar que conflitos em torno da sexualidade, por exemplo, estejam vinculados aos ensinamentos contrários ao entendimento de Paulo, que vão desde a interpretação da morte de Jesus até a aplicação cotidiana da ceia e o seu significado na vida da comunidade.

O que nos compete fazer hoje, é perguntar se devemos continuar excluindo e restringindo a ação das profetisas de nossas comunidades. Ou se devemos incluir seus ensinamentos no nosso calendário teológico.

Fazer e não ensinar - mulheres nas Pastorais

Chamamos de Pastorais as epístolas de 1 e 2 Timóteo e Tito⁵. São estudadas em conjunto devido à proximidade de estilo e conteúdo. O centro teológico que encontramos nas Pastorais é o fato de existir uma "doutrina correta", que deve ser ensinada por pessoas corretas (necessariamente bispos ou

5 Estes escritos foram assim chamados desde o início do século 18. São sempre estudados em conjunto e não situados em mãos paulinas. É bem verdade que alguns escritores ainda insistem em situá-los sob redação paulina num período posterior à prisão em Roma, o que é pouco provável. Preferimos situá-los em fins do primeiro século, talvez na virada do século, em comunidades de tradição paulina. Veja FIGUEROA, Ana Cláudia, *Comunidade e heresia na Ásia Menor*. Dissertação de mestrado. São Bernardo do Campo, Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião do Instituto Metodista de Ensino Superior, 1993, p.25-35.

presbíteros⁶). A pressuposição da existência de uma doutrina conhecida, que deveria ser normativa, nos remete a um período mais tardio. E não somente isso, mas indica outra forma de organização eclesial.

É nas Pastorais que encontramos os trechos mais estranhos que relacionam explicitamente mulheres no Novo Testamento: 1 Timóteo 2,8-15 sobre a oração ou postura no culto público, 1 Timóteo 5,3-16 sobre as "verdadeiras viúvas" e Tito 2,3-5 sobre mulheres "presbíteras".

O que mais nos chama a atenção nestes textos, bem como no anterior, é que indicam atividades desempenhadas por mulheres no ambiente litúrgico. Mas, aparece uma nova atividade: o serviço. Nas Pastorais encontramos indícios de uma eclesiologia diferente da comunidade de 1 Coríntios. São categorias diferentes na organização interna: bispos, diáconos, presbíteros (nomenclaturas próprias das Pastorais). Aparentemente bispos ou presbíteros são encarregados de ensinar, enquanto diáconos de servir (veja 1 Timóteo 3,1-13).

Uma vez que as Pastorais reforçam a idéia de que existe uma doutrina correta e que somente bispos/presbíteros (cargos nitidamente masculinos) podem ensiná-la, devemos pressupor que são contra a presença de mulheres no ensino. Essa idéia se reforça no estudo do texto de 1 Timóteo 2,8-15.

Observem os versículos a seguir:

v.8b-9: *Os varões orem em todo lugar, levantando mãos santas, sem ira e sem animosidade. Da mesma sorte, as mulheres, em traje decente, se ataviem com modéstia.*

v.11-12: *A mulher aprenda em silêncio, com toda submissão. E não permito que a mulher ensine...*

O tema aparentemente é a ordem no culto nos momentos de oração, mas com um acréscimo extremamente sugestivo: "aprenda em silêncio", "não ensine". Se ensinar é a principal função, pois significa conhecer a "doutrina correta", mulheres não podem fazê-lo. É nesse contexto que surge a normatização no trato às viúvas.

O texto é grande e complicado. Poderíamos dizer que estamos lidando com um serviço às viúvas que não funcionava bem. Daí, a necessidade de distinguir quem é verdadeiramente viúva ou não. No entanto, o problema está no fato de tratar com desprezo as chamadas "viúvas jovens": levianas, ociosas, tagarelas, intrigantes, "falando" o que não devem (1 Timóteo 5,11-16). Estariam elas ensinando de casa em casa?

Na realidade, para as Pastorais, o ideal são as viúvas verdadeiras: *Recomendadas pelo testemunho de boas obras, que tenham criado filhos, exercitado a hospitalidade, lavado os pés dos santos, socorrido os atribulados, que viveram na prática zelosa de toda a boa obra* (1 Timóteo 5,9-10). A função da viúva estava no serviço e não no ensino.

Assim, o conflito se concretiza: onde a comunidade ainda não apresenta uma hierarquia masculina, as mulheres também ensinam. As duas principais funções que nos dão um suposto perfil eclesial para a comunidade são o do ensino e do serviço, ambos desempenhados por homens e mulheres.

O problema surge quando o ensino das mulheres se distancia do ideário paulino desenvolvido (a tradição) e provoca reação por parte dos autores das epístolas pastorais. Estes querem uma hierarquia: bispos/presbíteros homens que ensinem, com mais poder decisório; mulheres e homens diáconos servindo, com menor poder eclesial. Não há indicativos sobre o conteúdo do ensino dos grupos em oposição aos defensores da tradição paulina. As "heresias" combatidas nas Pastorais indicam dois

6 Apesar de serem dois termos distintos são utilizados nas Pastorais com funções comuns (Veja Tito 1, 5.7).

movimentos: alguns com ensinamentos mais "liberais" (1 Timóteo 6,3.5; 2 Timóteo 2,18-26; 3,4.5; Tito 1,11.16), outros com ensinamentos mais ascéticos (1 Timóteo 1,4; 4,3; 5,23; Tito 3,9.14).

Na realidade, a grande dificuldade demonstrada pelo grupo representativo da redação das Pastorais reside no fato de mesmo não conseguir conviver com as diferenças teológicas internas que, sem dúvida, produzem práticas diferentes. Assim, uma maneira de controlar essas tendências diferenciadas é submeter as relações de gênero a uma hierarquia eclesial. Fica mais fácil controlar se elas não ensinam. Que façam o serviço!

Conclusão

Os conflitos eclesiais são frequentes na história do cristianismo. A exclusão deliberada das mulheres em instâncias de poder é fruto de uma construção teológica intencional. Redefinir uma eclesiologia com novos parâmetros eclesiais consiste hoje num desafio às nossas igrejas.

As experiências que percebemos no Novo Testamento sugerem um confronto permanente entre as diferentes eclesiologias experimentadas no primeiro século da era cristã. Aqui só tratamos de textos com a presença clara de conflitos com mulheres líderes. Na realidade, as afirmações teológicas estão sempre vinculadas a relações de vida. Ler a teologia que está na Bíblia é um convite a reconstituirmos a história que corre por trás.

Hoje, como antes, mulheres profetizam, ensinam e tentam normatizar sua fala, ensino e serviço. Que teologia faremos? Que parcialidade assumiremos neste conflito?

Ana Cláudia Figueroa é teóloga e biblista. Mestre em Ciências da Religião e professora no Centro Teológico Regional da Igreja Metodista, em Campinas - SP.

Endereço: Caixa Postal 5054
09731-970 São Bernardo do Campo - SP

Entre o direito e o dever: A crise dos direitos reprodutivos ou a maternidade como opção e não obrigação

Wanda Deifelt

Quando se pergunta, o que significa ser mulher em nossa sociedade, uma das primeiras características mencionadas é a capacidade de reprodução. É uma experiência distinta a de carregar dentro de si outra vida e ser responsável, em grande parte, pelo seu crescimento e desenvolvimento. Chama-se isto de maternidade.

Não é de hoje que a tarefa de cuidar das crianças é quase que exclusiva das mulheres. Devido aos períodos de gestação e amamentação (que são funções biológicas), também foram associadas à maternidade a responsabilidade pelo cuidado das crianças e da casa (que são funções culturais). Desta forma, o universo da mulher passou a ser identificado com o âmbito doméstico.

Uma distribuição de tarefas entre homem e mulher não implica, necessariamente, numa relação de dominação. No entanto, a partir do momento em que uma das tarefas é menos valorizada e até mesmo desprezada, existe uma disparidade. A nossa sociedade não despreza a maternidade. Muito pelo contrário, até a idealiza, ainda que não dê às mulheres condições ideais para desenvolvê-la.

O problema reside no fato da função reprodutora passar a ser a única definição existente para o ser mulher e de se colocar na maternidade a única forma possível de realização. O problema existe quando a função biológica passa a ser confundida com a função cultural. Decorrente disto, existe uma separação entre a capacidade produtora, que é tarefa do homem.

A separação existente entre dois mundos (o da casa e o da rua) revela que há também uma série de atributos específicos para o homem e para a mulher. Dentro da cultura greco-romana, por exemplo, que marca a nossa própria cultura assim como marcou o mundo do Novo Testamento, a maternidade era responsabilidade das mulheres, a produção cabia aos escravos e escravas, e o poder de decisão cabia aos cidadãos (homens livres e proprietários).

Aristóteles, filósofo renomado, dizia que as mulheres eram um mal necessário porque a reprodução da espécie humana não aconteceria sem elas. O ideal de sociedade defendido por Platão era de um mundo masculino. Estas idéias contribuíram para manter o papel inferior das mulheres e foram sendo apropriadas pelos cristãos à medida em que o cristianismo foi se expandindo pelo império romano.

O principal argumento para manter as mulheres em sua inferioridade é o de que elas padeciam de uma fraqueza física, moral e espiritual. Estavam longe do que a cultura greco-romana vislumbrava para o ser humano ideal. Eram consideradas incapazes de tomar decisões por si mesmas e dependiam de outro adulto (pai, irmão, marido ou filho) para se responsabilizarem por elas.

É interessante constatar que a mesma linha de argumento foi se fortalecendo dentro do cristianismo, de modo que as mulheres, aos poucos, passaram a ser definidas exclusivamente pela sua função reprodutora, deixando de ter qualquer capacidade além daquelas restritas ao âmbito doméstico. Verifica-se esta transição contrastando dois textos bíblicos. O primeiro, encontrado em 1 Timóteo 2,12-15, foi amplamente usado pelos pais da igreja para manter a submissão das mulheres. O outro, anterior e mais próximo da proposta de discipulado feita por Jesus, encontra-se em Lucas 11,27-28.

1 Timóteo 2,12-15

Eu não permito que a mulher ensine, ou domine o homem. Que ela conserve, pois, o silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que, seduzida, caiu em transgressão. Entretanto, ela será salva pela sua maternidade, desde que, com modéstia, permaneça na fé, no amor e na santidade. (1 Timóteo 1,12-15)

A pesquisa na área bíblica já mostrou que 1 e 2 Timóteo não são cartas - são manuais empregados por líderes da igreja no segundo século - e não foram escritas por Paulo. O uso frequente de termos que não são empregados por Paulo e a menção de cargos eclesiásticos que ainda não existiam na sua época mostram que o texto não foi escrito por ele. A evidência literária situa este texto nas primeiras décadas do século segundo, em torno de 125 d.C., bem depois da morte de Paulo.

Mas o autor faz uso da reputação e autoridade de Paulo para influenciar o comportamento das comunidades cristãs. Aliás, é muito provável que o destinatário da carta (Timóteo) não seja o mesmo ao qual Paulo se refere em suas cartas. Antes, é um nome fictício usado pelo autor, já que o escrito quer assumir a tarefa de carta pastoral e usar a autoridade de Paulo para tal.

O assunto deste texto é, em especial, o tipo de atitude que o autor espera das mulheres de sua comunidade. Há uma diferença entre um texto descritivo (que descreve uma determinada situação) e um texto prescritivo (que escreve quais atitudes são apropriadas e devem ser seguidas). Este texto entra na categoria do texto prescritivo, ou seja, é um texto que quer convencer as pessoas a seguir um tipo de comportamento. Para isto, é necessário achar argumentos - biológicos e teológicos - que justifiquem esta atitude ideal.

Argumentos e contra-argumentos

É importante ter uma certa dose de suspeita em relação a esta passagem e até ler o texto contra ele próprio. Um texto bíblico não precisaria insistir no silêncio das mulheres caso estas já vivessem da maneira como o autor idealiza, ou seja, em submissão. Se fosse assim, o autor iria simplesmente louvá-las por sua atitude. Suspeita-se, portanto, que o contrário esteja acontecendo: as mulheres estão muito ativas. É importante ler o texto com perguntas críticas.

Dois argumentos são usados pelo autor para indicar um comando divino da superioridade masculina. O primeiro faz referência ao relato da criação encontrado em Gênesis 2,4-25. Ali, ao invés do homem nascer do corpo da mulher, há uma inversão. Deste modo a mulher nasce do homem (da costela de Adão). Esta ordem na criação implica também em domínio sobre o que é criado depois, ou seja, a mulher deve ser submissa ao homem porque foi criada a partir dele. Este mito da criação quer inverter a ordem da natureza, pois sabemos que nascemos a partir do corpo da mulher.

Por que tal mito quer fazê-lo? Na época em que Gênesis 2,4-25 foi escrito - e isto é semelhante em outras culturas - havia um grande mistério em torno do nascimento. É claro que os homens deviam ter consciência da sua participação na paternidade, mas, em geral, a capacidade reprodutora das mulheres era uma incógnita. Como a reprodução estava interligada aos ciclos da lua, das estações, das colheitas, era revestida de grande poder. Em épocas onde a mortalidade era alta, havia também uma necessidade maior de nascimentos. A maternidade representava não só a criação de mais pessoas para trabalhar, mas implicava na sobrevivência da espécie.

Os mitos da criação de outras religiões explicam o surgimento do primeiro ser humano e atribuem este feito à deusa mãe, que em diferentes culturas era venerada através de cultos de fertilidade. No entanto, dentro da tradição judaica havia grande dificuldade de aceitação das divindades femininas, dos cultos de fertilidade e do reconhecimento deste poder das mulheres. Por isto era necessário criar um novo mito que destituísse as mulheres deste poder e o passasse, simbolicamente, ao homem. Assim, a reprodução acontece através de uma costela, não de um útero.

Se pensarmos no texto de 1 Timóteo 2,12-15, é necessário reconhecer que o texto não está inventando novas idéias. Está resgatando uma tradição que já existia no Antigo Testamento, mesmo que não fosse muito difundida. O segundo relato da criação não era uma passagem central, já que havia outros temas muito mais prementes do que este. Mas na história do judaísmo ele foi amplamente usado para justificar a subordinação das mulheres. O que acontece, porém, é que um texto descritivo (um mito que descreve o surgimento do ser humano) passa a ser prescritivo (determina as atitudes que as pessoas devem tomar).

Mas o argumento biológico não pode ser negado: é a mulher que dá à luz, não o homem. Dando-se conta deste fato inquestionável, o autor de 1 Timóteo faz uma jogada interessante: remete o "nascimento" não para o lado físico, mas para o lado espiritual. As mulheres devem nascer a partir de seus maridos, que vão dar-lhes a luz através de conhecimento e do crescimento na fé. Elas dependem deles para aprender, pois é a eles que devem consultar em caso de dúvida. Por isto é necessário que as mulheres fiquem em silêncio e reconheçam a autoridade de seus maridos.

O segundo argumento provém do relato da queda (Gênesis 3). Sendo Eva a segunda na ordem da criação, ela acabou sendo a primeira a pecar. O texto faz uma leitura do pecado de modo que a mulher é seduzida primeiro e depois corrompe o homem. Aliás, este texto serviu como protagonista para uma série de interpretações machistas, como a de Orígenes que afirmou que a mulher foi a porta de entrada do pecado no mundo.

No Antigo Testamento, a noção de pecado não estava ligada à Eva e ao fruto da árvore da vida. A noção de pecado aparece pela primeira vez quando Caim mata seu irmão Abel (Gênesis 4). O relato da queda é descritivo. Quer explicar porque a realidade é do jeito que é, porque se come o pão com o suor do rosto e porque as mulheres dão à luz em meio a dores. Esta é a condição humana. No entanto, é a partir de textos como 1 Timóteo 1,12-15 que o pecado passou a ser visto primordialmente a partir do relato da queda e tendo uma conotação sexual. Isto, aliás, o texto de 1 Timóteo não diz, mas infere através do uso da palavra "seduzir".

O que este texto introduz é um ensinamento novo sobre a maternidade como a forma das mulheres obterem salvação. Em todos os tempos, as mulheres sempre foram identificadas por sua função reprodutora a tal ponto que a maternidade passou a ser um condicionamento cultural. Em diversas passagens do Antigo Testamento também há testemunhos da discriminação que as mulheres estéreis sofriam e do seu desespero em gerar uma criança, de preferência um filho (Sara, Ana). Mas é em 1 Timóteo 2,12-15 que pela primeira vez a maternidade é vista como meio de salvação.

Com a tendência da igreja de se acomodar gradualmente aos padrões culturais e normativos da época (em conformidade com o modo de vida romano), houve também uma masculinização das lideranças. Porém, no primeiro século, no início do movimento de Jesus, havia tanto homens como mulheres desempenhando papéis de liderança (apesar da escolha de doze homens mais próximos a Jesus). Mas o mesmo não é válido para o segundo século, quando as mulheres vão pouco a pouco perdendo um espaço conquistado, ficando relegadas a desempenhar culturalmente papéis pré-definidos. Por isto, é necessário procurar outros paradigmas.

Lucas 11,27-28

Enquanto ele assim falava, certa mulher levantou a voz em meio à multidão e disse-lhe: "Felizes as entranhas que te trouxeram e os seios que te amamentaram!" Ele, porém, respondeu: "Felizes os que ouvem a palavra de Deus e a observam". (Lucas 11,27-28)

O evangelho de Lucas foi escrito provavelmente no final do primeiro século e muito pouco se sabe sobre quem o escreveu. Por ter sido escrito também neste período de transição do movimento de Jesus para grupos mais institucionalizados e hierárquicos, apresenta modelos bastante limitados para as mulheres. No entanto, o texto não pode negar que havia uma grande participação de mulheres dentro

do cristianismo. Assim, é interessante observar que Lucas oferece um número significativo de nomes de mulheres que seguiam a Jesus.

O texto de Lucas 11,27-28 tem como pano de fundo uma cultura que valoriza a mulher pelos filhos que ela gerou e criou. As mulheres, por si só, não tinham nenhum valor. Sua identidade vinha da sua relação familiar: ela era filha, esposa, mãe, mas nunca um sujeito autônomo com capacidade própria. Sua realidade era de completa servidão e submissão. A base principal para a discriminação eram as leis da pureza (as mulheres eram consideradas impuras por causa da menstruação).

Sabe-se que as leis da época eram bem claras para as mulheres: quando solteira deveria obedecer ao pai; quando casada, ao marido; e quando viúva deveria obedecer aos filhos. A mulher não tinha direito nem sequer a uma vontade própria, mas devia seguir o que os homens da família lhe diziam. Era considerada uma propriedade, assim como uma mula, que precisava ser alimentada e cuidada, mas de quem em troca, se esperava serviço. Também era considerada como uma "criança grande", que não podia tomar decisões por conta própria.

Por causa desta limitação, as mulheres estavam isentas do estudo da Torá, da participação nos rituais e das orações na sinagoga. Nesta, eram colocadas num local separado (devido às leis da pureza). No entanto, as mulheres não eram proibidas de estudar! Havia um dito rabínico que dizia: *Ai do homem que ensina a Torá para sua filha*. Esta crítica só seria necessária ao país que ensinavam suas filhas a ler e a interpretar a Torá. Mas isto de fato acontecia somente com uma minoria.

Era considerado impróprio que as mulheres falassem em público. Por isto, o fato desta mulher (sem nome), em Lucas 11,27-28, falar em público, é uma atitude nova para a compreensão que se tinha das mulheres na época. Era considerado uma falta de respeito uma mulher dirigir-se verbalmente a um homem. No entanto, esta mulher ficou tão impressionada com o que havia visto e ouvido de Jesus que não conseguiu conter-se. Assim, rompe duas barreiras:

- * uma mulher dirige-se a um homem
- * exerce esta ação em lugar público.

No entanto, chama a atenção o conteúdo do que a mulher diz: faz referência justamente àquilo que há de mais tradicional dentro da cultura da época - a identificação da mulher com a maternidade. Em outras palavras, ela persevera no discurso da mulher que se alegra através de seu filho, que vive através de suas glórias, que acha sentido para a vida por intermédio do seu ministério. Mas a resposta de Jesus é outra. Ele não idealiza a maternidade como única opção para as mulheres. Muito ao contrário, dá a elas muito mais possibilidades do que se poderia pensar.

Jesus faz referência à palavra de Deus, ou seja, que as mulheres devem ter acesso a ela. O texto fala em ouvir a palavra de Deus e observá-la. Um detalhe pequeno mostra a tentativa de Lucas em diminuir o teor revolucionário da resposta de Jesus. Em outro texto que fala sobre sua família (Lucas 8,19-21), Jesus diz que sua mãe e seus irmãos são aqueles que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática. O "pôr em prática" (Lucas 8,21) tem uma conotação ativa, que lembra o discipulado. Na resposta dada à mulher, Jesus diz que o importante é ouvir a palavra de Deus e observá-la.

Por que Lucas coloca para as mulheres a possibilidade de "observar" ao invés de praticar? Há uma diferença entre ambos. O observar tem no grego o sentido de manter para si, de guardar, ao passo que praticar implica em colocar em ação. Cabe a Lucas também um pouco de suspeita. Ele defende que a mulher tenha acesso a alguma informação, que se mudem alguns condicionamentos culturais. Mas para Lucas estava se tornando difícil defender as idéias e a prática de um modo tão radical quanto Jesus. Assim, ele tenta diminuir a possibilidade de atuação das mulheres: que elas escutem e observem, mas não necessariamente saiam pelo mundo anunciando a mensagem de Jesus Cristo como faziam os homens.

Mesmo assim ele não pode negar o episódio entre Jesus e esta mulher sem nome e não pode deixar de mencionar aquilo que é o central na troca de palavras: a possibilidade das mulheres não serem valorizadas exclusivamente por seu papel reprodutor, mas por sua capacidade de aprender, pensar, refletir e fazer outras coisas além do ambiente doméstico e privado. As palavras de Jesus são, na verdade, um convite ao discipulado. Isto é o central na história: a vocação das mulheres não está somente na maternidade, mas no exercício de um discipulado fiel.

O que Jesus faz é abrir infinitas possibilidades para as mulheres ao invés de restringi-las a papéis culturalmente pré-definidos. Estas possibilidades se encontram no discipulado, no seguimento de Jesus, da sua mensagem e da sua prática. Neste discipulado as mulheres não existem em função da reprodução, nem da manutenção de uma estrutura familiar machista. As mulheres existem como seres humanos, com limites e capacidades, criados para serem sujeitos pensantes e atuantes.

O impacto que esta mensagem causou entre os grupos menos favorecidos, em especial mulheres e escravos, foi estupendo. Textos como o de Romanos 16 atestam o grande número de mulheres que se sentiam chamadas a sair pelo mundo anunciando o evangelho e a engajar-se no trabalho missionário. Mas, se todas quisessem sair para anunciar o evangelho pelo mundo, quem iria cuidar das tarefas domésticas, das crianças e dos maridos? Além disto, se as mulheres não assumissem mais o seu papel reprodutor, o que aconteceria com a estrutura familiar? Diante de tais questões, foi necessário enfatizar o papel tradicional e submisso das mulheres. E é por isso que os textos de 1 Timóteo 2,12-15 foram difundidos.

Se podemos suspeitar que as mulheres possuíam uma participação ativa dentro da comunidade cristão primitiva, então também a elevação da maternidade como forma de salvação deve ser colocada sob suspeita. Partindo da fórmula batismal onde não há distinção entre judeu nem grego, escravo ou livre, homem e mulher (Gálatas 3,27-28), estabelecia-se uma comunidade onde todas as pessoas eram discípulas e irmãos entre si. Esta era a proposta da comunidade feita por Jesus e a partir dela percebe-se a presença marcante das mulheres. Assim, a colocação de 1 Timóteo 2,12-15 é, na verdade, uma contradição com as palavras de Jesus.

Dentro da proposta de discipulado, a salvação não pode depender da maternidade. Isto é contra o princípio defendido por Jesus em Lucas 11,27-28. A mulher não é valorizada por sua função biológica, mas por sua capacidade de pensar e agir, pelo seu discipulado fiel. Lucas 11,27-28 apresenta outra possibilidade de atuação para as mulheres. O que importa é, em primeiro lugar, dar à luz a si mesma. O valor das mulheres está em seu discipulado fiel, por isto, a maternidade é uma opção, e não uma obrigação.

Wanda Deifelt é pastora da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Doutora em teologia e professora na Escola Superior de Teologia (EST), em São Leopoldo - RS.

Endereço: Escola Superior de Teologia
Caixa Postal 14
93001-970 São Leopoldo - RS

"Para permanecer no caminho, precisamos de uma canção" (Manushi)

Maria Luiza Rückert

"Urgente se faz
afagar a vida
ferida como está."

"Ânimo nos daremos a cada passo
ânimo, compartilhando a sede e o cântaro
ânimo, pois, ainda que tenhamos envelhecido
sempre a dor parece um recém-nascido."

Mulher: Cada ato que faz, o corpo confessa!

Em sua poesia "Aviso da lua que menstrua", a poeta e atriz Elisa Lucinda diz:

"Moço, cuidado com ela!
Há que se ter cautela com gente que menstrua...
Imagine uma cachoeira às avessas: cada ato que faz, o corpo confessa
Cuidado com essa gente que se metamorfoseia. Metade legível, metade sereia
Barriga cresce, explode humanidades
E ainda volta pro lugar que é o mesmo lugar
Mas, é outro lugar: af é que está..."

Tristezas, alegrias, experiências de vida, emoções, prazeres e desprazeres desenharam as linhas do nosso corpo e registram a nossa história.

"Faz muito tempo que perdemos as chaves para o nosso corpo", escreve Thérèse Bhertherat. A metáfora da casa/corpo é a primeira tomada de consciência que se faz urgente e necessária. Mergulhada na difícil tarefa da sobrevivência, a imensa maioria dos seres humanos se desconhece como um ser integral.

Para Wilhelm Reich, "a estrutura caracterológica do homem atual que está perpetuando uma cultura patriarcal e autoritária de quatro a seis mil anos, se caracteriza por um encorajamento contra a natureza dentro de si mesmo e contra a miséria que o rodeia". Reich identifica as disfunções da sexualidade como o cerne do distanciamento do ser humano em relação a seu corpo e à sua natureza. Deslocamos o prazer para fora do nosso corpo. A nossa potência passa a ser traduzida pelas coisas que exibimos: carro, moto, roupas de *griffes* caras, jóias, perfumes, cigarros.

Para as pessoas atingidas por essa doença cultural, um par de sapatos, um vestido novo ou um carro perdem a sua atração, depois de pouco tempo de posse. De modo análogo, passamos a proceder assim também com a pessoa amada, com os amigos. Reich, unindo corpo e mente, e mostrando aos ocidentais o quanto estavam distanciados do seu corpo há milênios, deu os fundamentos da medicina psicossomática. Ele denunciou que os bloqueios da energia acarretam doenças - biopatias, e quando não estamos bem no plano psíquico, o nosso corpo revela isso claramente.

Reich mostrou que temos uma memória corporal, que todos os acontecimentos, nossa história de vida ficam inscritos em nossa estrutura corpórea, ou seja, o inconsciente está gravado muscularmente.

Vemos, então,

- ou a mulher aleijada que, de tanto sofrer agressão no corpo e na alma, ficou dezoito anos amargamente encurvada diante da vida (Lucas 13,10-17)

- ou a mulher que se sente criada à imagem e semelhança de Deus, com o olhar radiante, postura feliz, olhando com firmeza nos olhos de Deus, nos olhos da vida!

Para nossa tristeza, as escolas médicas pouco valorizam o ouvir, apalpar, cheirar, observar. Os alunos de medicina são conduzidos a realizar uma trajetória em direção aos "fragmentos" do corpo: coração, fígado, rins, útero. É preciso resgatar a nossa condição humana de sentir, tocar, entender o nosso corpo como algo único, e, se aprendermos a conhecê-lo, ele nos falará se alguma coisa vai bem ou mal.

O fato de estarmos tão distanciados da nossa natureza tem origem sócio-econômica, pois "o indivíduo educado numa atmosfera de negação da vida e da sexualidade contrai angústia de prazer, que se manifesta fisiologicamente em espasmos musculares crônicos".

A partir daí se desenvolve uma ideologia negadora da vida, que é a base das ditaduras. Ao internalizar a mecanização externa da sociedade, o ser humano se endurece e se submete ao que lhe é imposto.

Afastadas de nós mesmas, do nosso corpo...

Quanto a nós mulheres, as leis da sociedade patriarcal nos afastaram de nós mesmas, do nosso corpo, nos culpabilizaram, nos alienaram dos nossos sentimentos, nos tornaram amedrontadas e fugitivas do prazer, do erótico. É essencial resgatar e cultivar o conhecimento de nós mesmas como "caminho privilegiado de respeito e ternura pela vida que nos habita". A agitação da vida moderna e a nossa correria pela sobrevivência não favorecem o cultivo da interioridade, do silêncio com nós mesmas, da escuta do nosso próprio ser. "Precisamos repensar velhas perguntas e recuperar riquezas escondidas na memória de nosso corpo, em nossos sonhos de liberdade e ternura." "É preciso ter presente que as leis são ajuda para a luta pela dignidade humana, mas são incapazes de dar conta do mistério que somos e do enigma sempre desafiante de nossa sexualidade" (Ivone Gebara).

Toda fala de violência contra a mulher é fala de dor. No seminário "Violência contra a mulher", promovido pelo Conselho Mundial de Igrejas (CMI), em Costa Rica, em 1993, mulheres latino-americanas perceberam que ainda hoje o sistema patriarcal, presente nas estruturas de poder, quer manter o controle do corpo e da alma da mulher, sob pena de violências praticadas nas esferas pública e privada, atingindo-a em sua dignidade, sexualidade e alteridade. Para que as correntes de violência não pesem mais sobre os nossos corpos, é preciso lutar contra o preconceito e a discriminação, possibilitar a criação de novas relações entre homens e mulheres, criar novos conceitos de família, afetividade e sexualidade.

A sociedade ocidental envileceu e desvalorizou o erotismo, e nós mulheres fomos levadas a desconfiar deste recurso. Aprendemos a suprimir o erótico como fonte de poder e conhecimento no interior de nossas vidas. Audre Lorde, escritora norte-americana, já falecida, negra, feminista, fala do "poço de fora do erótico para a mulher que não teme a sua revelação". Temos sido afastadas do erótico como fonte de poder e conhecimento, confundindo-o com a pornografia, que é o seu oposto! A pornografia é a negação direta do erótico, porque representa a supressão dos verdadeiros sentimentos. Pornografia e erotismo são duas formas diametralmente opostas do sexual.

Também se tentou separar o erótico do espiritual... Ensina-nos a separar o erótico de todas as áreas vitais da nossa vida que não sejam o sexo.

Na mitologia grega, *Eros*, nascido de *Caos*, representa o poder criativo e a harmonia.

Fomos criadas e moldadas para temer o SIM dentro de nós - nossos anseios mais profundos. "Quando vivemos afastadas das diretivas eróticas que vêm de dentro de nós mesmas, então nossas vidas permanecem limitadas por formas externas e alienantes. Terminamos por nos ajustar a uma estrutura que não está baseada nas necessidades humanas. Quando porém começarmos a viver de dentro para

fora, em contato com o poder erótico em nós e permitindo que esse poder ilumine nossas ações no mundo, então estaremos sendo responsáveis por nós mesmas no sentido mais profundo." (Audre Lorde)

Romper os silêncios, encontrar nossas raízes, cantar nossas canções de origem!

Mulheres do mundo inteiro têm como denominador comum de sua militância e reflexão a sua relação com o corpo. São levantadas e analisadas questões importantes sobre a violência contra a mulher, sexualidade, prazer, culpa, aborto, esterilização em massa. Teologia da libertação, teologia feminista e teologia negra são desafios diretos à espiritualidade ocidental negadora do corpo, pois levam a sério a realidade corporal das pessoas. Diz um teólogo japonês que "Deus é arroz que fecunda os pobres da Ásia, dando-lhes o seu corpo", e revela um outro teólogo que "para quem tem fome, Deus aparece sob a forma de um pedaço de pão".

Lembro aqui de Elisabeth Moltman-Wendel, quando percebe ser "a emancipação corporal da mulher" o caminho da superação do primado da razão sobre a sensibilidade e a receptividade. Essa emancipação corporal concretiza-se no ideal de acolhida do outro, no significado recipiente (do útero), entendido como possibilidade de superação de um mundo masculinizado e competitivo.

No nosso Brasil e na América Latina, essa emancipação corporal da mulher vem sendo aprofundada por teólogas, sendo o seu ponto de partida a experiência de vida e o trabalho com mulheres pobres na sua luta pela sobrevivência. Muito lindos e expressivos são os textos da teóloga católica Ivone Gebara. Eles consideram a corporeidade feminina como o ponto de partida de uma tarefa ética que resgata o verdadeiro sentido de homem e mulher como seres criados à imagem e semelhança de Deus. Como filhas de Deus, rejeitamos a evasiva escatológica, que transfere para a outra vida a realização da igualdade mulher-homem.

As mulheres começam a reencontrar a sua própria identidade, em nível de corpo, em nível de alma! Como a samaritana (João 4), as mulheres vão descobrindo, no face-a-face com Jesus, a sua própria identidade, a força interior que lhes vem da fonte da Água Viva. Água que lhes dá coragem e resistência na luta pela vida melhor para todos, como forma de corresponder ao Deus da vida. Como a samaritana, as nossas mulheres vão percebendo como são rasos os cântaros de barro...

Da Bíblia - como ponto de partida e de chegada - extrai-se força e coragem. Inspiradora é a história de vida de mulheres do povo hebreu, das discípulas de Jesus, das militantes da igreja primitiva. "A teologia feita pela mulher latino-americana brota da escuta amorosa e atenta, do ver e do contemplar, como fizeram as mulheres diante do túmulo de Jesus (Marcos 11,47)." Trata-se de uma teologia que se traduz em prática afetiva e efetiva, buscando articular o racional com o coração e as entranhas, restaurando o espiritual, o poético, o sapiencial e o simbólico.

Ao fazerem teologia na ótica da mulher, as mulheres estão num processo de "escavação" bíblica. Nossas buscas devem partir de nossas realidades, e os achados, na Bíblia, devem voltar às mulheres, modificando-as. "Não podemos ter medo de colocar a questão, sabendo que não existem conclusões fáceis, nem respostas perfeitas. Compreendendo que, mesmo que encontremos algumas respostas, elas nos levarão a novas perguntas. Se existe esperança, ela não está somente nas vozes, mas também nos silêncios de milhões de mulheres." (Corinne Kumar D'Souza)

Explorar caminhos novos e arriscar-nos por lugares desconhecidos!

Guardamos nossos sonhos e desejos num baú tão profundo que, às vezes, esquecemos que existem... Por que não lutamos por eles?

A resposta, pode estar na forma como nos educaram em casa, na escola, na igreja, na sociedade, ou através da TV, revistas e jornais.

O nosso sistema de vida tem imposto limites desumanos a ambos, homem e mulher. A nossa luta é por um mundo de homens e mulheres criados para serem companheiros felizes! Companheiros em nível de corpo, alma, espírito!

"Para cada mulher que está cansada de comportar-se como frágil, quando se sabe que é forte, há um homem que está cansado de parecer forte, quando se sente vulnerável! Para cada mulher que está cansada de ser qualificada como fêmea emocional, há um homem ao qual se nega o direito de chorar e de ser terno. Para cada mulher que se sente escravizada pelos filhos, há um homem ao qual se nega o prazer de desfrutar a paternidade." (autoria desconhecida)

Para alcançar uma nova relação entre homem e mulher, é preciso que ambos mudem o seu conceito do que significa ser homem e ser mulher. Temos que aprender a ver-nos de outra forma, estar dispostos a explorar caminhos novos e a nos arriscar por lugares desconhecidos.

Cada mulher certamente gostaria de fazer suas as palavras abaixo, extraídas de "De la costilla de Eva" (Editorial Nueva Nicaragua):

"O homem que me ama,
deverá saber puxar as cortinas da pele,
encontrar a profundidade de meus olhos
e conhecer o que se aninha em mim.

O homem que me ama,
Não quererá possuir-me como uma mercadoria,
nem exhibir-me como um troféu de caça,
saberá estar ao meu lado com o mesmo amor
com que eu estarei ao seu...

O amor de meu homem
não quererá rotular-me, nem etiquetar-me,
me dará ar, espaço,
alimento para crescer e ser melhor,
como uma revolução que faz de cada dia
o começo de uma nova vitória."

Diz a filósofa Nancy Mangabeira Unger que "uma das lições que o reino vegetal nos dá, é a capacidade que as árvores e as plantas têm, através do processo de fotossíntese, de se abrir para a luz do sol e de se nutrir da luz do sol". E Simone Weil completa, concluindo que só há um erro: "Não ter capacidade para alimentar-se da luz. Pois uma vez abolida essa capacidade, todos os erros são possíveis. Precisamos de uma clorofila que torne possível alimentar-nos com a luz."

No toque, a opção pela vida!

A palavra de Deus ensina à mulher um caminho: uma nova forma de ver, pensar e agir.

Em Marcos 5,21-43, você tem a oportunidade de se encontrar com uma mulher que ousou tocar, que experimentou "nutrir-se da luz do sol". Marcos não nos revela o seu nome. Diz que, há doze anos, o sangue está a fluir do seu corpo. Os evangelhos apócrifos chamam-na de Berenice.

No toque de Berenice, você pode descobrir a possibilidade de decidir pela própria vida, de tomar o seu destino em suas próprias mãos.

O toque de Berenice harmoniza o que está em desarmonia, ordena o caos e envolve as trevas com luz. Ao tocar na veste de Jesus, a hemorroíssa me faz pensar na urgência de uma visão antropológica que seja capaz de reconciliar razão e corpo. Como diz com tanta beleza Ivone Gebara, "o corpo humano

como tal, corpo de homem e corpo de mulher, é lugar teológico, lugar da manifestação do divino. É na relação dos corpos, nas suas buscas de salvação, de construir um mundo melhor para uma convivência digna dos corpos, que falamos da divindade presente na história humana, que falamos da justiça de Deus e da sua salvação."

O toque de Berenice me leva a ver que a antiga divisão do ser humano em espírito e matéria ainda corre em nossas veias, e que, inconscientemente, ainda atribuímos mais ao homem a dignidade de "tocar" nos mistérios do sagrado. Leva-me a perceber, também, como é necessária uma visão antropológica pluridimensional, expressão do mundo em que vivemos. Abrindo caminho por entre as multidões, a mulher que sangra, encontra espaço para buscar a libertação de maneira diferente. Precisamos de espaços para uma verdadeira criatividade, para a manifestação da riqueza inesgotável do ser humano.

Poderia estar no coração e na boca de Berenice o clamor de Soledad Hang Umaña, quando grita em "Quiero ser persona":

"Quero sentir o ar e o sol sobre minha cabeça.
Quero sentir a vida e desfrutá-la.
Quero correr pelos caminhos, onde sei que encontrarei carinho,
onde sei que encontrarei mãos amigas,
e corações cheios de amor e ternura,
onde sei que encontrarei ouvidos
que me escutem, e olhos que me olhem.

Quero correr em busca da vida.
Quero encher-me de esperança.
Quero sentir-me pessoa em meio aos meus males,
pessoa em meio à multidão.
Quero sonhar com o futuro,
com um futuro melhor para meus filhos.

Quero sonhar com um espaço de amor e liberdade,
onde minhas plantas possam crescer e dar flores e dar fruto.
Quero caminhar em direção às promessas.
Quero lutar para consegui-las.
Quero ser forte e feliz.
Quero ser feliz!"

Maria Luiza Rückert é pastora da Igreja Presbiteriana Unida, em Vitória - ES.

Endereço: Rua Guilhermina Giovanotti, 85/203
29123-160 - Vila Velha-ES

Nosso corpo: manifestação de amor e erotismo

Jane Falconi Ferreira Vaz

É proibido Cantar-es?!

Durante a Primeira Jornada Ecumênica, em Mendes, em outubro de 1994, compartilhei de diversas experiências muito ricas. Entre elas, a de uma oficina de Bíblia com o estudo de Cantares 8,5-14. O que desejo aqui, é ampliar este "compartilhar". O grupo que participou da oficina era formado por homens e mulheres de diversas idades e confissões religiosas. Se por esse aspecto podemos dizer que o mesmo era heterogêneo, a conversa e a discussão sobre o texto revelaram muita coisa em comum. Assim, o grupo assinalou algumas pistas coisas que podem nos ajudar a entender o que pretendo deixar com este ensaio:

- * o livro de Cantares nunca foi lido e estudado em nossas comunidades
- * como alguns sub-títulos, na tradução do Almeida, referem-se à "fala do esposo e da esposa", alguns versos eram selecionados para cerimônias de casamento. Talvez até houvesse "boa fé" ao se fazer isso. Mas será que a leitura do livro de Cantares só pode ser feita associada ao ritual do matrimônio?
- * embora Cantares esteja na Bíblia, a sua leitura nunca foi incentivada. Não se fala claramente nas igrejas que sua leitura é proibida. Mas fato é que a mesma foi sempre deixada de lado
- * talvez, o tipo de igreja da qual temos participado, não queira, não se estruture, ou não "libere" esta leitura, pois ela pode ir contra o que a igreja quer, ir ao contrário do que queremos ser e fazer em nossa prática de fé
- * as pessoas demonstram o desejo de ler e estudar Cantares porque querem falar do amor, cantá-lo e vivê-lo em todos os seus desafios.

Para falar em amor, erotismo, paixão, não precisa haver por trás uma justificativa - o casamento. Mas, talvez fosse a única maneira das nossas igrejas lidarem com este texto. É como se estar casado, justificasse ou permitisse falar do amor com mais intimidade.

Cantares representa uma das partes da Bíblia que pouco se lê. Ninguém disse oficialmente ou claramente em nome de qualquer igreja, que sua leitura foi proibida. Isso seria negar algo que faz parte da Bíblia. Mas pudemos constatar que em diversas comunidades de denominações diferentes esta "proibição" é um fato.

A leitura individual é forte. Ajuda. É o que sinto com a minha própria experiência. Mas há um sabor diferente, mais amplo, quando se faz isso junto com outros(as). Assim, reúno a minha própria leitura, resultado de muitos anos de caminhada, com a comunitária, que tem sido feita com muitas pessoas, em especial mulheres, que nunca se cansaram de discutir e repensar suas próprias coisas e causas.

Sinto que esta é a contribuição mais significativa.

Perguntar não ofende

A quem pertence o corpo da mulher? O que significa a luta por sua própria identidade corporal, sexual, afetiva e erótica?

Coisas "proibidas"?!

Vamos reler juntos o texto de Cantares 8,5-14:

*5 Quem é esta que sobe do deserto,
e vem encostada ao seu amado?*

Debaixo da macieira te despertei; ali esteve tua mãe com dores; ali esteve com dores aquela que te deu à luz.

6 Põe-me como selo sobre o teu coração, como selo sobre o teu braço; porque o amor é forte como a morte; a paixão é cruel como o Seol; a sua chama é chama de fogo, verdadeira labareda do Senhor.

7 As muitas águas não podem apagar o amor, nem os rios afogá-lo.

Se alguém oferecesse todos os bens de sua casa pelo amor, seria de todo desprezado.

8 Temos uma irmã pequena, que ainda não tem seios; que faremos por nossa irmã, no dia em que ela for pedida em casamento?

9 Se ela for um muro, edificaremos sobre ela uma torrezinha de prata; e, se ela for uma porta, cercá-la-emos com tábuas de cedro.

10 Eu era um muro, e os meus seios eram como as suas tores; então eu era aos seus olhos como aquela que acha paz.

11 Teve Salomão uma vinha em Baal-Hamom; arrendou essa vinha a uns guardas; e cada um lhe dei trazer pelo seu fruto mil peças de prata.

12 A vinha que me pertence está diante de mim; tu, ó Salomão, terás as mil peças de prata, e os que guardam o fruto terão duzentas.

13 Ó tu que habitas nos jardins, os companheiros estão atentos para ouvir a tua voz; faze-me, pois, também ouvi-la.

14 Vem depressa, amado meu, e faze-te semelhante ao gamo ou ao filho da gazela sobre os montes dos aromas.

Entender é o começo do caminho

Sentimos e entendemos que na verdade o texto é um poema, talvez o mais belo do livro de Cantares. Poema de paixão e erotismo plenos. Para a paixão e o amor não há lei que mande ser marido e mulher. É o amor entre um homem e uma mulher, entre dois companheiros que se amam e se desejam. Por isso, querem ficar juntinhos, colados...

A macieira, a casa e o deserto

É a mulher, a amada que vem do deserto. Isto é forte. É histórico. O deserto para o povo de Israel é o lugar que representa as raízes populares. É de onde surge o que é bom, o que tem futuro.

A macieira é o lugar do encontro. Do amor. Para eles, assim como para a mãe, que já conhecia aquelas delícias, o lugar do amor era debaixo da macieira. Coisa bonita! A natureza, a macieira, como cúmplices daquela paixão. A mãe "já sabia das coisas". Ali, ela amou e concebeu! É isto que o amado quer dizer. Aquele lugar já era sagrado. A mãe da sua amada já o experimentara.

Eles querem selar no coração aquela paixão forte, verdadeira labareda. Querem ficar juntos, colados. Gestos e atitudes de paixão que dão gosto a tudo.

Querer estar junto do amado, é amor, desejo, paixão que nem a morte pode vencer.

É possível que para atenuar o constrangimento, o tradutor tenha colocado *chamas de fogo, labaredas do Senhor*, para descrever a força daquela paixão. Este fogo que queima, arde, entre as pessoas que se desejam e amam é um conjunto pleno de carícias, de erotismo e de orgasmo. Seria feio dizer orgasmo dado e abençoado pelo Senhor?

É. Talvez chocasse muito. Mas é isso mesmo que o texto nos diz. Nosso corpo o sabe, o recebe e manifesta como coisa santa! Dádiva! Bênção!

O lugar da casa não é o lugar do amor. Lá estão os irmãos. Ali reside o medo, o risco. É o lugar de tratar do comércio. Os irmãos da moça querem negociá-la, vendê-la mesmo. Estão avaliando o quanto ela lhes renderia. *E se ela for uma porta* - é claro, porta está nos dizendo laque, se ela for virgem valerá mais. Os irmãos já estão pensando no bom negócio que podem fazer.

Salomão ficaria muito feliz com este "preço" em troca de parte do lucro das suas vinhas. Os irmãos e Salomão fazem comércio para manter o harém! E a menina, podemos assim chamá-la, afinal, *ainda nem tem seios*, poderia aceitar a decisão dos seus irmãos. Isso, para a época era até natural.

Palavra de mulher!

A "menina" diz com firmeza: *os meus seios têm valor e sou sim, forte como uma muralha*. Mas não estou à venda. O meu corpo é meu, me pertence.

Ela declara ser dona do seu corpo, não está nem aí para as vinhas de Salomão. Ele que faça bom uso delas!

Ela já fez a sua escolha. Ela quer o seu amado. E, quando ele a adverte que havia gente na escuta, ela pede que ele fuja para o deserto - a proteção para seu amado. Nem está se importando com o que estão dizendo ou "espreitando". Ela afirma o seu amor pelo amado e deixa claro que vai se unir a ele no deserto.

É muito lindo saber que os versos mais bonitos e fortes são falas da mulher. Da amada. Creio que este é o ponto culminante de Cantares. O mais forte e belo está na fala da mulher! Fala de paixão e de muita luta!

Fonte viva de paixão e erotismo

Que poema faremos sobre nosso corpo? O que diremos do amor que temos? Quais palavras servirão para cantar a nossa paixão? O que diremos do nosso erotismo?

Já se vai longe o tempo de Salomão. E ali já aparece esta menina corajosa e decidida sobre o seu corpo e o seu desejo de escolher o amor, o amado.

Pouco falta para o ano 2000.

Muita coisa ainda nos é imposta. O nosso corpo, os nossos desejos, nem sempre são levados em conta. Acho que já incomoda muito ousar dizer que a mulher tem desejo e pode manifestá-lo. Mas é assim que estamos e nos vemos. Plenas em nosso amor e desejo. O nosso corpo não é parte isolada do nosso todo. Ele é bonito, é bom. Porque ele, junto da parte que o anima é o nosso todo. Passa pela nossa química, por caminhos que a ciência fica tentando explicar, o nosso gostar do outro cheiro, da outra pele. Desejo tem muito de cheiro e pele. Para isso há os nossos sentidos. E há o toque. Gostamos de tocar. E de ser tocadas. Sentir que há um mundo rico - universo noutra corpo - que nos faz querer, suar, amar.

Isso é nosso. Nada pode apagar, nem as águas. Nada pode afogar, nem os rios.

O corpo é nosso. É testemunha do bem que o amor nos faz! Não é parte de nenhum negócio, onde outros vão decidir por nós. É nosso bem querer. Como disse Djavan numa de suas músicas - meu bem querer é sagrado e está sacramentado em meu coração. É sagrado por sentir que é cheio de vida e pleno para a troca do amor.

Ao contrário do que possam querer algumas pessoas nas igrejas, corpo e sexualidade nada têm de feio. Corpo que manifesta o desejo que brota por dentro é, isto sim, motivo de alegria, fonte de prazer!

Por que é tão difícil falar, respeitar e deixar manifestar-se o desejo da mulher? Isso cheira a medo, até mesmo a hipocrisia!

Há muitos anos tentam nos fazer culpadas pelo nosso próprio desejo!

O nosso corpo nos pertence. Com ele podemos manifestar nosso desejo, nosso querer.

Queremos afagar, abraçar, acarinhar. Queremos ter o nosso amor gostoso como o que se fez debaixo da macieira.

Somos fortes, quando precisamos ser - como uma muralha.

Mas o que é nosso, é nosso! Nosso corpo não pertence às igrejas, aos líderes, ao conjunto das satisfações sociais que esperam de nós.

Pra que complicar?

As mulheres anunciam, de toque em toque, de olhar em olhar, de boca em boca, que o Deus da vida é maior que o Deus da morte. E na vida está o seu corpo, o seu prazer, o seu erotismo.

As mulheres têm experimentado a ação do pai materno, procurando viver plenamente a sua fé solidária e histórica.

Deus dá a vida por paixão. Por paixão queremos viver a nossa vida! Com paixão queremos o jardim, a macieira, e tudo o que nos faz sentir o gosto da vida em amor.

Ele é tão, e simplesmente nosso!

Jane Falconi Ferreira Vaz, metodista, é mestra em química. Integra a equipe da KOINONIA - Presença Ecumênica e Serviço.

**Endereço: Alameda Barros 833/101
01232-001 São Paulo SP**

Pra não dizer que não falei de homens...

Nancy Cardoso Pereira

"se é difícil ser mulher
 (...) é impossível ser homem"
 Ferdinando Camon
 La Maladie humaine

Morrer de tanto ser homem... Poder fazer morrer por ser homem. Que homens aqueles! Com que orgulho morrem e mandam morrer. Viris... os dois. A diferença que um tem poder o outro nem tanto. Que homens aqueles! Assim que não haveria um outro jeito de ser porque então já não seriam homens. Davi e Urias (2 Samuel 11).

Entre eles imaginamos que está Bate-Seba e que seria ela o pivô, a causa das mortes, dos desmandos, dos sofrimentos. Ela seria qualquer coisa entre vítima e culpada, seduzida e sedutora que justificaria a avalanche de acontecimentos violentos.

Mas o que dizer dos homens do texto, do jeito como se deixam matar e mandam morrer? Quero olhar os textos perguntando pelos homens, o jeito como a memória registra seus comportamentos e atitudes, o exercício de masculinidade que se expressa de diversas formas tendo como resultado relações de violência para mulheres e homens.

Proponho pensar a realidade a partir de relações plurais: homem-homem, mulher-homem, adulto-criança, rei-súdito, o que deseja-objeto do desejo.

Não seria então pensar os homens a partir de considerações abstratas e gerais (o que seria um homem no geral?), mas analisar as relações que estruturam a realidade do texto de 2 Samuel 11 privilegiando os poderes entre os homens.

O enredo: de homem pra homem

A história é conhecida: Davi rei deseja Bate-Seba que é mulher de Urias, oficial do exército real e que se encontra em batalha contra os amonitas (v.1). Davi manda trazer a mulher e fazem sexo. Ela se purifica e volta para sua casa (v.4). Bate-Seba engravida e manda avisar ao rei (v.5). Davi manda chamar Urias: conversam sobre as batalhas. O rei sugere que Urias vá para casa lavar os pés - seria uma referência ao ato sexual? (v.8). Urias se nega: quer ficar solidário aos demais soldados que não têm permissão para ir para casa e com isso mostrar fidelidade ao rei (v.9.11). Davi convida Urias para comer e beber e o embebeda... mesmo assim Urias se recusa a ir para casa frustrando as tentativas do rei de fazer a gravidez de Bate-Seba parecer resultado da visita do marido. Na manhã seguinte Davi despede Urias para a frente da batalha com uma carta endereçada ao comandante das tropas (v.14). Nesta carta o rei ordena que Urias seja colocado em situação de risco para que morra na batalha (v.15), o que acontece rapidamente (v.18).

Quem é quem ?

Davi - em 2 Samuel 9 a narrativa ressalta a bondade de Davi para com o filho de Jônatas tratando de encerrar por enquanto os relatos da disputa pelo trono; o capítulo 10 narra algumas batalhas contra amonitas e siros onde Davi aparece como líder (v.18). A situação no capítulo 11 é outra: o rei já não

vai para a frente de luta... envia seus homens, seus oficiais e dá ordens... *Davi porém ficou em Jerusalém* (v.1). É como se esta narrativa abrisse um outro momento da vida de Davi: outros lutam suas lutas, seus homens fazem com que seus planos de conquista e expansão do reino se concretizem. Aqui, Davi é homem de poder, acima de todos os outros homens e pessoas. Deseja uma mulher... manda buscar e a tem. Pronto. Imediato. Eficiente. O homem de todo poder. Vê. Deseja. Manda vir. Manda deitar. Manda se abrir. Deita. Entra. Usa. Goza. Manda sair. Seduz. Engana. Decide a morte do outro. Manda morrer. Manda matar. A monarquia é a expressão e afirmação do poder do homem sobre os outros homens e todas as mulheres. Não deve ser considerado como detalhe a referência à mulher que mata Abimeleque com uma pedra no cerco a Tebes (Juizes 9,53): a resistência ao projeto monárquico deve ser entendida como movimento prioritário de mulheres uma vez que a monarquia estabelece e formaliza um poder absoluto contra elas, o que não ocorria no tribalismo mesmo considerando suas estruturas patriarcais. A reflexão sobre a passagem do tribalismo para monarquia deveria considerar de modo mais cuidadoso estas possibilidades assim como a compreensão do lugar social do profetismo como resistência anti-monárquica de forte liderança de mulheres.

Urias- é heteu, povo que se estabeleceu como grande império ao norte da Síria chegando eventualmente a ocupar regiões mais ao sul quando o contato com israelitas e judeus seria mais freqüente; seu nome (minha luz é Javé) leva a crer que se fez prosélito de Javé ao menos de modo formal ao assumir responsabilidades de liderança no exército real; seria possível identificar nas atitudes de Urias um desejo de se manter fiel às prescrições de resguardo sexual por parte dos soldados em período de batalha (2 Samuel 21,5; Deuteronômio 23,10). Pela vizinhança com a casa real e a relação próxima com o rei parece ser um dos estrangeiros que assumiram altos postos na corte e exército de Davi tidos como gente da segurança pessoal do rei (2 Samuel 23,39); o texto de 1 Crônicas 11,41 mantém a memória de Urias, o heteu, como herói do exército de Davi. Mercenário ou prosélito? Qual o melhor jeito de ver Urias? Chama a atenção sua fidelidade ao exército, aos soldados e suas regras; seria possível ver Urias como um homem solidário com os outros homens e com o rei, defensor das regras do mundo da guerra... Urias morre disso: de tanto ser homem solidário com os homens e suas estruturas. Urias reforça o poder e o desmando de Davi; legitima-o; concede que se coloque sobre todos os outros homens de modo autoritário e violento. Urias mesmo carrega sua sentença de morte. Morre de tanto ser homem. A mesma fidelidade, sensibilidade e solidariedade não dá pra se perceber na relação com a mulher, com sua casa, com a vida doméstica. Urias é o elogio do público, do político como instância única de importância e de expressão da identidade masculina. Vai pra casa, Urias! Urias não vai... para casa, não! Tem uma guerra lá fora, um rei pra ser defendido, um reino pra ser expandido, trocas de poderes, tráfego de influências, reforços da virilidade, regras do mundo do soldado que não podem ser esquecidas. Urias morre dele mesmo... por não ser capaz de desconfiar de si mesmo, do tipo de homem que era e do governo que entendia como extensão da sua virilidade, expressão do poder do macho, do homem de guerra.

Estas relações tão complicadas...

Bate-Seba é bonita, desejada. Entra muda e sai calada no texto. Não dá nem pra saber se ela também teve prazer na relação com o rei. O texto trabalha com a concepção de impureza da sexualidade de modo específico para a mulher que antes de ir para casa se purifica de sua imundícia (v.4). A única coisa que ela diz é: Estou grávida! (v.5). A mulher neste texto está presa no simulacro do desejo e do poder dos homens: tem pai, tem marido... mas nada a protege da vontade do rei. Ela não diz nada, não quer nada, não decide nada. A imagem de uma Bate-Seba sedutora que se coloca propositalmente no terraço para seduzir o rei não pode ser sustentada a partir do texto.

Outra relação que deveria ser considerada é com a criança. Homem e mulher assumem no texto atitudes distintas diante da gravidez: Bate-Seba se descobre grávida e manda dizer a Davi como se cobrasse sua posição (v.5). A resposta de Davi é a de tentar envolver Urias no acontecido de modo que pudesse sugerir sua responsabilidade na gravidez (v.6). O problema é que Urias era homem demais e não

aceitou nenhuma das alternativas de ir para casa apresentadas pelo rei, preferindo ficar junto à tropa (v.9).

Tanto Davi como Urias desconsideram o espaço doméstico, o espaço da mulher e da casa. Bate-Seba fica sozinha com sua gravidez. A criança nem é fruto do desejo, nem do casamento. A criança não é nada. A conclusão da trama aponta para a necessidade da morte da criança como forma de expiação pelo pecado de Davi (2 Samuel 12,14).

A narrativa reforça vários estereótipos da identidade masculina que aprisionam tanto homens quanto mulheres.

- 1- o homem seduzido/tentado pelos olhos
- 2- o homem que tem poder não reprime seus desejos
- 3- um homem que valoriza mais seu trabalho que sua casa valoriza o espaço público e não o doméstico
- 4- um homem é mais fiel às regras dos amigos homens que às necessidades da mulher(es).

Estes estereótipos correspondem a outros no que se refere às mulheres:

- 1- a mulher é objeto a ser olhado/apreciado
- 2- a mulher não tem desejo... seduz
- 3- a mulher está mais submetida e vinculada às regras e mecanismos do espaço doméstico
- 4- a gravidez é um estado que somente a mulher experimenta sozinha.

O desafio é o de começar a trabalhar na desconstrução de estereótipos da identidade de mulheres e homens na busca de uma leitura da Bíblia que identifique as relações de gênero estruturantes do próprio texto e da sociedade. Estas re-leituras colocam narrativas como a de 2 Samuel 11 sob uma nova perspectiva.

Fica a exigência de trabalhar a monarquia como o governo de alguns homens sobre todos os outros homens e mulheres garantindo a visibilização de sua representação de gênero. O desafio se desdobra para dentro da compreensão do profetismo e da profecia como expressão subversiva e de resistência vividas e formuladas por comunidades de mulheres e homens.

Textos como estes re-lidos à luz das relações sociais de gênero deveriam desencadear por parte dos biblistas-homens uma reflexão mais cuidadosa de sua identidade mesmo como homens. Tal exercício seria fundamental para uma vivência do sagrado mais integrada e integradora, plural e libertadora para homens, mulheres e crianças.

É que não dá pra pensar o novo sozinha. Não dá pra ser só objeto do desejo do outro... sem desejar também. Não dá pra dizer "estou grávida" sem ouvir o eco: estou grávido! Não dá pra continuar convivendo com homens poderosos que se matam entre si e a todas nós. Não dá pra continuar convivendo com homens que se deixam matar, que carregam eles mesmos sua sentença de morte porque não têm coragem ou sensibilidade para desconfiar dos pequenos privilégios que gozam nas estruturas das igrejas, da academia, da política e outras mais. Não dá pra continuar deixando que os filhos e filhas continuem sendo sacrificados e devorados... enquanto vão se fazendo homens e mulheres à nossa imagem e semelhança.

Os laços

São muitos A começar por dentro
Pequenos e grandes Fortes e frágeis
Suaves assassinos Tendões de mármore
São tantos Como tantas as vidas

Que esses laços não enlacem
O que sobra da lida Esse ar
E esse mar E essas perguntas
Que me faço enquanto a noite avança.

Telmo Padilha

Nancy Cardoso Pereira é pastora metodista. Mestra em Ciências da Religião e professora na Faculdade de Teologia da Igreja Metodista, em São Bernardo do Campo - SP.

**Endereço: Rua do Sacramento, 230
09735-460 São Bernardo do Campo - SP**

Mosaicos da Bíblia

01. "Os ninivitas creram em Deus" - Milton Schwantes
02. Vem, Espírito - Fabio Laerth Tonello, Mariano Marchitiello, Milton Schwantes, Nancy Cardoso Pereira, Paulo Roberto Garcia, Roberto Natal Baptista
03. Na voz das mulheres - Jane Falconi F. Vaz, Rosa Marga Rothe, Nancy Cardoso Pereira, Lori Altmann, Rosângela Soares de Oliveira, Tania Mara Vieira Sampaio, Elza Tamez, Genilma Bohler
04. Jonas - Paulo Cesar Botas, Nancy Cardoso Pereira, Roberto Natal Baptista, Dario Geraldo Schaeffer, Sebastião Armando Gameleira Soares, Paulo Roberto Garcia, Rolf Schuene-mann, Mariano Marchitiello, Zwinglio Mota Dias
05. "Misericórdia Quero"- Roberto E. Zwetsch
06. Mulheres na prática da justiça e da solidariedade - Ivoni Richter Reimer
07. História de Israel - Milton Schwantes
08. Bíblia e Ecologia - Paulo Roberto Garcia, Ivoni Richter Reimer, Haroldo Reimer, Roberto Natal Baptista, Luis Mosconi, Ivo Storniolo, Fernando Bortolletto Filho
09. Introdução à leitura bíblica - Milton Schwantes, Jane Falconi F. Vaz, Paulo Roberto Garcia, Roberto E. Zwetsch
10. Interpretação bíblica na Igreja Oriental Antiga - Duncan Alexander Reily
11. Esperança na justiça - Haroldo Reimer
12. A leitura bíblica por meio do método sociológico - Uwe Wegner
13. O julgamento da Babilônia - José Adriano Filho
14. O que importa é fazer caminho... - Paulo Augusto de Souza Nogueira, Pedro Lima Vasconcellos, Luis Eduardo Torres Bedoya, Mercedes Brancher, João Cesário Leonel Ferreira
15. Bíblia e Ecumenismo - Milton Schwantes, Ágabo Borges de Souza, Maurício Waldman, Wilson Caetano de Sousa Júnior, Carlos Mesters, Paulo Augusto de Souza Nogueira

Pedidos para:

KOINONIA - Presença Ecumênica e Serviço

Rua Pinheiros, 706 Casa 06 - 05422-001 - São Paulo-SP - Brasil

Fone: (011) 280.7461

Rua Santo Amaro, 129 - 22211-230 - Rio de Janeiro-RJ - Brasil

Fone: (021) 224.6713 - Fax: (021) 221.3016